



## **FEMINISMO E AGROECOLOGIA EM PRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS PARA O EMPODERAMENTO DAS MULHERES AGRICULTORAS**

**Tamara Rangel de Lacerda - MPED/UNEB<sup>1</sup>  
Ione Oliveira Jatobá Leal - MPED/UNEB<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A Caderneta Agroecológica – CA é uma metodologia político-pedagógica desenvolvida para visibilizar o protagonismo das mulheres agricultoras nos agroecossistemas e, desde 2014, vem se expandindo por todo Brasil no contexto dos trabalhos de organizações sociais, universidades, movimentos do campo e entidades de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER. O presente estudo buscou discutir relevantes pesquisas que apresentam as experiências práticas das mulheres com suas CA's, as contribuindo para alterar realidades enquanto reforça a construção do conhecimento agroecológico e feminista. Nesse sentido, este ensaio discute as categorias teóricas da economia feminista, os quintais produtivos e o papel político-pedagógico das Cadernetas, a partir de bases de dados científicas, artigos em revistas e manuais publicados entre 2014 e 2020. As experiências destacadas, oriundas de diferentes regiões do país, revelaram que a metodologia tem colocado luz no protagonismo das agricultoras em dimensões econômica, política, social e ecológica, visto que, suas práticas agroecológicas priorizam a soberania e segurança alimentar da família, bem como os valores de seus quintais produtivos para manutenção dos agroecossistemas. Conclui-se que as experiências com as CA's fortalecem as organizações sociais e produtivas dos grupos de mulheres nas comunidades rurais, movimentos, associações e sindicatos, além de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e a agroecologia, mas ainda precisa trazer centralidade ao debate de raça e etnia nas sistematizações de trabalhos publicados.

**Palavras-chave:** Conhecimento Agroecológico; Feminismo; Agricultura Familiar.

### **INTRODUÇÃO**

A discussão feminista no campo do conhecimento agroecológico tem ganhado força através da proposta da Caderneta Agroecológica – CA, uma metodologia político-pedagógico sistematizada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA/ZM de Minas Gerais, a partir das experiências de agricultoras e organizações agroecológicas da região. A

<sup>1</sup> Mestranda no MPED - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas (Campus IV) da Universidade do Estado da Bahia e membro do grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA).

<sup>2</sup> Doutora em Educação e Contemporaneidade, Docente da UNEB – Campus IV e membro do grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA).

CA foi desenvolvida com o objetivo de colocar luz no protagonismo das mulheres agricultoras, destacando tanto a dimensão política quanto econômica dos trabalhos monetários e não-monetários desenvolvidos por elas no agroecossistema (LOPES NETO et al., 2015a).

De acordo com Cardoso e Schottz (2009), diversas sistematizações sobre agroecologia ainda deixam de problematizar temas como divisão sexual do trabalho, autonomia política e econômica das mulheres, mantendo as agricultoras no lugar de invisibilidade. Esse é um lugar naturalizado pelas famílias e, muitas vezes, pelas próprias mulheres, que quando questionadas sobre o trabalho que realizam afirmam que “ajudam” no agroecossistema. Portanto, a sistematização das Cadernetas Agroecológicas é conduzida unicamente pelas agricultoras, fortalecendo a capacidade das mulheres de refletir sobre suas próprias experiências.

Com propósito de identificar as contribuições das Cadernetas Agroecológicas para as agricultoras familiares, este ensaio reúne discussões de trabalhos científicos, publicações em revistas e manuais. A questão central desse levantamento é entender como a Caderneta Agroecológica vem sendo utilizada e quais seus resultados para construção da autonomia e protagonismo dessas mulheres. Nesse sentido, foram feitas pesquisas bibliográficas em fontes de indexação disponíveis via web em bases de dados científicas e revistas das áreas de sociologia rural e agroecologia no Brasil.

As buscas por artigos de periódicos, anais de eventos científicos e trabalhos de conclusão de curso (graduação), mestrado ou doutorado (pós-graduação) foram realizadas a partir de um Protocolo de Pesquisa previamente estruturado. A pesquisa teve início, portanto, através do uso das palavras-chaves: “caderneta agroecológica”; “mulheres agricultoras” AND “agroecologia”; “caderneta agroecológica” AND “gênero” AND “agricultura familiar”. As fontes utilizadas foram: Catálogo de Teses da Capes (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/>); Portal Periódicos da Capes (<http://periodicos.capes.gov.br/>); Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>); Revista Brasileira de Agroecologia (<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/>); Revista Agriculturas – AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia (<http://aspta.org.br/revista-agriculturas/>).

Foram destacados trabalhos publicados e disponíveis integralmente em bases de dados científicas, revistas e manuais, publicados a partir de 2014, ano em que a CA foi desenvolvida, e que tratam especificamente da relação entre questões de gênero e

agroecologia na aplicação das Cadernetas Agroecológicas. A seguir, os resultados são discutidos em três eixos: Economia Feminista, Quintais Produtivos e Papel Político-Pedagógico das Cadernetas Agroecológicas.

Ao final do ensaio são apresentadas algumas discussões acerca do Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica, desenvolvido mais recentemente pelo Semear Internacional - FIDA<sup>2</sup> para utilização nos projetos de assistência técnica vinculados ao mesmo na região Nordeste do país. Este material foi elaborado a partir das contribuições reunidas pelo CTA-ZM e também pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – GT Mulheres da ANA, entidades que contribuíram e contribuem diretamente para a metodologia.

Essa pesquisa bibliográfica, ainda, é ponto de partida do estudo para a construção de meu projeto de pesquisa em andamento no MPED - Mestrado Profissional em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas (Campus IV) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Estamos a tecer uma pesquisa participativa a partir das experiências profissionais com as Cadernetas Agroecológicas, resultantes de minha atuação como coordenadora técnica na Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPESER), no âmbito do Projeto Pró-Semiárido, que adotou a metodologia, em parceria com o FIDA, na região do Piemonte da Diamantina.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A perspectiva agroecológica é o paradigma que articula os estudos discutidos nesse ensaio. Nos trabalhos de dissertação de Barros (2018), Telles (2018) e Oliveira (2015), o(as) autor(as) buscam romper com a visão fragmentada e reducionista da ciência moderna ao estabelecer diálogos entre os conhecimentos populares, historicamente construídos pelas comunidades tradicionais rurais, e o conhecimento acadêmico. Nesse sentido, a agroecologia é colocada enquanto “ciência, prática e movimento, a partir das culturas locais – que possuem

---

<sup>2</sup> Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrário. Trata-se de um agência de investimento das Nações Unidas (ONU), que financia projeto que focam no desenvolvimento de processos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados. Para saber mais acesse [www.portalsemear.org.br](http://www.portalsemear.org.br) (CARDOSO et al., 2019).

um potencial endógeno transformador – e respeitando as diversidades ecológica e sociocultural” (BARROS, 2018, p. 16).

A Caderneta Agroecológica é apresentada por Barros (2018), Telles (2018), Oliveira (2015), Lopes Neto et al. (2015a), Moreno (2018), Lacerda e Siqueira (2020) e SOF (2018), como um instrumento político-pedagógico fundamental de visibilidade dos trabalhos realizados pelas mulheres na agroecologia, com destaque para os quintais produtivos, ressignificando o lugar que elas historicamente ocupam na agricultura familiar.

## CADERNETAS AGROECOLÓGICAS: PERSPECTIVAS DA ECONOMIA FEMINISTA

De acordo com Lopes Neto et al. (2015) a Caderneta Agroecológica foi desenvolvida pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA/ZM<sup>3</sup>, em parceria com a Universidade Federal de Viçosa – UFV, como resultado do esforço intelectual e político de organizações feministas e agroecológicas no sentido de construir novas ferramentas de análise da realidade social que visibilizem o trabalho das mulheres nos agroecossistemas. A CA é utilizada pelas agricultoras para o monitoramento da renda monetária e não-monetária a partir do trabalho por elas protagonizado, onde são registrados os produtos que foram doados, trocados, vendidos e consumidos diariamente (LOPES NETO et al., 2015a).

A Caderneta Agroecológica consiste em um caderno de anotações com quatro colunas que correspondem a: consumo, doação, troca e venda. Essas informações são preenchidas exclusivamente pelas mulheres agricultoras, as quais se tornam as próprias pesquisadoras. A agricultora pode sistematizar sua produção oriunda dos seus espaços de domínio no agroecossistema, como também artesanatos e produtos beneficiados por elas, como biscoitos, doces, temperos, etc. (CARDOSO et al., 2019).

Cada agricultora participante da metodologia possui sua caderneta individual e realiza as anotações diárias, de acordo com sua rotina, além de fazer parte de um núcleo de mulheres na comunidade que se reúne para discutir e trocar experiências. Algumas contam com o apoio de familiares, do(a) técnico(a) de ATER ou de outras agricultoras para realizar o

---

<sup>3</sup> O CTA é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1987 por um grupo de técnicos, agricultores familiares e profissionais liberais. Atua na Zona da Mata de Minas Gerais, realizando assessoria técnica e política com o objetivo de promover a Agroecologia como enfoque para o desenvolvimento rural sustentável (LOPES NETO et al., 2015a).

preenchimento, seja por apresentarem dificuldade com a escrita e/ou matemática ou por não terem sido alfabetizadas, o que não limita sua participação (CARDOSO et al., 2019).

É acompanhada de uma metodologia construída por uma rede de organizações do campo agroecológico e feminista no projeto Mulheres e Agroecologia em Rede, que se desenvolveu em quatro regiões do país: Amazônia, Nordeste, Sul e Sudeste. O projeto teve apoio financeiro da União Europeia e foi desenvolvido por: CTA-ZM, Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA), Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA), Rede de Produtoras Rurais do Nordeste, Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Grupo de Trabalho de Gênero e Agroecologia e pelo Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (MMZML) (LOPES NETO, 2015a).

Em trabalho sobre o resultado da produtividade dos quintais segundo registro das mulheres nas CA's, Lopes Neto et al. (2015b) explicam que a ferramenta foi desenvolvida a partir da constatação de que o conhecimento das agricultoras é sistematicamente negligenciado pelo pensamento dominante, que está estruturado no patriarcado e na divisão sexual do trabalho. Segundo as autoras, as mulheres estão presentes em todas as atividades produtivas e não produtivas, agrícolas ou não-agrícolas:

Há um amplo leque de contribuições feitas pelas mulheres que simplesmente não são reconhecidos como trabalho e, portanto, não são contabilizadas dentro da lógica mercantil que rege os mercados formais. Nesse sentido, os espaços ocupados pelas mulheres aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição àqueles espaços onde os homens estão presentes (LOPES NETO et al., 2015b, p.2).

A metodologia da CA, baseia-se na crítica da economia feminista, conforme explicam Lopes Neto et al. (2015b), pois considera o trabalho doméstico e de cuidados na análise do sistema socioeconômico como parte de um conceito de economia centrado na sustentabilidade da vida humana e não apenas nas relações mercantis. Dessa forma, o objetivo é dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres, reconhecendo o trabalho não remunerado feito por elas, como tudo aquilo que é produzido através dos quintais principalmente para consumo, doação ou troca, valores que comumente não são contabilizados na renda familiar.

A pesquisa de Moreno (2018) apresenta a CA como uma metodologia que contribui para o desenvolvimento da economia feminista no campo, uma vez que amplia o conceito de

trabalho e o que se considera economia, ou seja, a renda não monetária do trabalho doméstico e de cuidados. Além disso, as anotações comprovam o trabalho da mulher e seu reconhecimento como agricultoras, ampliando seu acesso às políticas públicas, o que fortalece sua autonomia. Os resultados revelam a quantidade de trabalho realizado e sua contribuição significativa para o sustento da casa, valorizando outras racionalidades para além do dinheiro e do lucro, como a solidariedade e a reciprocidade. “As falas das mulheres que utilizam a caderneta agroecológica registram mudanças na visão sobre ‘dependência’ e fortalecem a autoestima” (MORENO, 2018, p.207).

A pesquisa de Telles (2018) se relaciona com o CTA-ZM no âmbito do projeto “Os Quintais das Mulheres e a Caderneta Agroecológica na Zona da Mata de Minas Gerais e nas Regiões Sudeste, Sul, Amazônia e Nordeste: sistematização da produção das mulheres rurais e um olhar para os quintais produtivos do Brasil”, no seu trabalho denominado como Projeto Cadernetas Agroecológicas (PCA). Tal projeto foi executado pelo GT Mulheres da ANA e financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a partir de 2016, antecedente ao período do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. A autora destaca esse fato para descrever que desde 2013 o GT Mulheres da ANA dialogava com o governo federal para a construção de uma política de fomento 500 mil quintais produtivos no país, acordo firmado pela presidenta durante a Marcha das Margaridas<sup>4</sup> de 2015.

Telles (2018) buscou em sua dissertação apresentar a economia das mulheres agricultoras agroecológicas a partir do estudo de duas comunidades no Vale do Ribeira em Minas Gerais, desvelando as dinâmicas que condicionam e caracterizam sua vida econômica. Dessa forma, ela avaliou que a contribuição da caderneta se mostrou relevante por possibilitar tanto análises desde uma perspectiva substantiva da economia, quanto numa perspectiva da sustentabilidade da vida humana, conforme as economistas feministas. Isso se expressou principalmente pelas atividades de consumo, doação e troca que foram visibilizadas, o que antes só acontecia com as trocas mercantis (TELLES, 2018).

---

<sup>4</sup> A Marcha das Margaridas teve início em 2000, organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) em conjunto com entidades e movimentos parceiros, realizando reivindicações por políticas públicas e pela garantia de direitos sociais das mulheres rurais. Ela tem esse nome em homenagem à Margarida Alves, sindicalista rural assassinada por fazendeiros. Ao longo do tempo, a Marcha tornou-se o principal espaço de articulação e reivindicações das mulheres dos campos, das florestas e das águas no Brasil. Em 2015 levou as ruas de Brasília setenta mil mulheres de todas as regiões do país.

Para Telles (2018), há um amplo leque de contribuições das agriculturas que não é contabilizado na economia pois não é reconhecido como trabalho ou considerado acessório aos homens que empreendem atividades remuneradas, invisibilizando, portanto, o trabalho produtivo e reprodutivo cotidiano das mulheres. A autora explica que essa questão é histórica, cultural, mas também epistemológica, onde diferentes correntes da economia neoclássica se consolidam em um paradigma que atribui centralidade apenas à produção e à circulação mercantil, apagando os “processos sociais necessários à sustentabilidade humana em sua totalidade. Assim, reforçam a invisibilidade do trabalho doméstico e de cuidados e das atividades para o autoconsumo na dinâmica da economia” (TELLES, 2018, p. 17).

Por outro lado, apesar das pesquisas apresentadas terem sido estruturadas na crítica da economia feminista, atrelando a dimensão do trabalho doméstico e de cuidados ao conceito de sustentabilidade da vida, pouca ou nenhuma problematização foi feita a torno da questão racial e étnica, que é central quando estamos falando dos conhecimentos das agricultoras que são negligenciados pelo pensamento dominante machista, racista e patriarcal. Esse sistema historicamente segrega e hierarquiza o trabalho e o saber das mulheres pretas, quilombolas e indígenas, as quais estão sujeitas a violências ainda maiores no meio rural.

## OS QUINTAIS E O SABER-FAZER AGROECOLÓGICO DAS MULHERES

Os trabalhos desenvolvidos com as Cadernetas Agroecológicas apresentam destaque para os quintais produtivos, pois, de acordo com Lopes Neto et al. (2015b) estes são espaços geralmente vistos como extensão das atividades domésticas e não são reconhecidos como produtivos, já que não geram riquezas de acordo a economia clássica. As mulheres são, portanto, responsáveis pelos quintais, que são constituídos pelo entorno da casa com criação de pequenos animais e cultivos vegetais, e neles grande parte do que é produzido vai para o autoconsumo, garantindo a soberania alimentar das famílias (LOPES NETO et al., 2015b).

Barros (2018) trabalhou com a experiência dos quintais produtivos e as práticas agroecológicas de integrantes do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (MMC/SC) buscando compreender, visibilizar e potencializar suas estratégias de socialização de conhecimento através das mulheres. A partir de um viés feminista agroecológico, ela

aponta a metodologia da Caderneta Agroecológica como uma dessas estratégias. A autora utilizou da observação participante e do caderno de campo, além da realização de entrevistas semiestruturadas com dirigentes do MMC/SC envolvidas com os projetos relacionados aos quintais produtivos e CA's. Sua pesquisa foi uma construção dialógica e política que permitiu, e seguirá permitindo, dialogar com “sujeitos e movimentos em suas dinâmicas e lutas por mundos melhores, compreendendo histórias silenciadas e invisibilizadas pela ciência moderna hegemônica” (BARROS, 2018, p.20).

De acordo com Barros (2018) os quintais produtivos têm demonstrado potencial de abrir espaços para que se questione a invisibilidade e desvalorização do trabalho produtivo das mulheres, aquilo que antes era chamado de “miudezas” é visto como as “grandezas” na perspectiva do feminismo. A autora apresenta relatos de experiências das camponesas que conheceu ao longo das etapas de campo da pesquisa, que revelam os quintais como ambientes ricos em biodiversidade e ecologicamente resilientes. Esses caracteres constituem estratégia de sobrevivência e autonomia historicamente desenvolvidas pelos povos do campo, das águas e das florestas, em seus modos de reprodução da vida.

Além da importância social e econômica dos quintais para a família, a pesquisa de Oliveira (2015) demonstra ainda seu valor ecológico. Segundo o autor, há muita biodiversidade nos quintais e as mulheres entrevistadas demonstraram compreender a importância da manutenção destes espaços. Elas praticam, por exemplo, a adubação orgânica que contribui para qualidade dos solos e não fazem uso de agrotóxicos, por se preocuparem com a segurança alimentar da família.

As mulheres agricultoras são, portanto, as grandes protagonistas das práticas que desenvolvem e fortalecem a agroecologia, pois conforme explica Barros (2018):

São elas as principais responsáveis pelo alimento destinado ao autossustento familiar e por práticas de manejo ambiental adequadas à seleção e preservação de sementes crioulas, além de representarem, no Brasil, 48% da população rural. E foi graças, sobretudo, a essa resistência das mulheres do campo, das águas e das florestas, que toda uma biodiversidade de plantas e de raças crioulas de animais foi preservada, além de conhecimentos sobre produção de alimentos saudáveis e de uso de plantas medicinais, fazendo com que esse patrimônio não se perdesse com a difusão da “revolução verde” (BARROS, 2018, p. 15).

O trabalho de Lopes Neto et al. (2015b) apresenta a sistematização dos resultados da primeira experiência com as CA's que aconteceu em 14 municípios da Zona da Mata mineira



entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015, com informações coletadas pela equipe do CTA-ZM a partir do registro das atividades de 64 agricultoras. Esses resultados foram colocados em um banco de dados nacional que continuou sendo atualizado com as novas experiências em demais regiões do país.

De acordo com o(as) autor(as), a sistematização também levou em consideração entrevistas semiestruturadas e visitas a campo, além das análises dos dados registrados nas CA's, e como resultado foi possível compor um quadro revelador da efetiva contribuição da gestão feminina. Foi possível notar a enorme diversidade biológica dos quintais, que só é possível graças ao refinado trabalho de manejo realizado pelas mulheres, sendo enumeradas 142 espécies de hortaliças, plantas medicinais, flores, árvores frutíferas e pequenos animais. Ao incluir os alimentos processados e artesanatos, sobe para 212 o número de produtos (LOPES NETO et al., 2015b).

Lopes Neto et al. (2015b) também destacam a produção para o autoconsumo, onde grande parte da alimentação das famílias provém dos quintais, deixando-se de comprar fora gêneros alimentícios, e, em média, 70% de todos os produtos consumidos mensalmente são cultivados pelas mulheres. Outro dado revelado pelas CA's é que a renda monetária obtida pela venda dos alimentos produzidos nos quintais em alguns casos chega a superar o valor do autoconsumo, girando em torno de dois salários mínimos por mês, sendo essa a principal fonte de renda para algumas famílias. Esse dado supera até a renda gerada pela venda do café, principal cultura comercial da região, demonstrando assim a importância das mulheres na renda familiar, seja ela monetária ou não (LOPES NETO et al., 2015b).

## O PAPEL POLÍTICO-PEDAGÓGICO DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS

O trabalho de Telles (2018) destaca que o processo de anotação nas CA's trouxe também uma série de reflexões nos níveis individual e coletivo. No individual para as mulheres que passaram a reconhecer seu trabalho, além das diferentes formas de opressão e violência vivenciadas no âmbito familiar, e a nível coletivo para as organizações de assessoria técnica a voltarem o olhar às mulheres e a seus grupos produtivos.

A metodologia da CA envolve uma série de encontros e formações das mulheres envolvidas para partilhar experiências e debater sobre as questões de gênero e feminismo com

a equipe de assistência técnica, que também orienta e auxilia nas anotações e produção dos quintais. A SOF - Sempre Viva Organização Feminista (SOF, 2018) acompanhou esse processo com um grupo de 27 mulheres, também no Vale do Ribeira, dentro do projeto “Sistematização da produção das mulheres rurais e um olhar para os quintais produtivos do Brasil”, realizado em parceria com o Instituto Federal de Matão de São Paulo e com o GT de Mulheres da ANA.

De acordo com a entidade, o primeiro exercício foi a construção do mapa da sociobiodiversidade, onde as mulheres desenharam seus quintais e mostraram os usos dos espaços. A tarefa pedagógica foi apresentar os mapas identificando como eram divididos os trabalhos e tarefas na unidade de produção, entre homens e mulheres.

Ao compartilharem os resultados entre todas, pudemos primeiramente observar e dialogar sobre como se dá a divisão sexual do trabalho no meio rural: nos desenhos, o homem aparece carpindo e trabalha no quintal “de longe” e a mulher está no quintal do lado da casa mexendo na horta. Ou ver que as mulheres cuidam mais das hortas e galinhas enquanto os homens ficam com as vacas e o curral. Algumas agricultoras mostraram também que os trabalhos se misturam, na forma de ajuda quando há necessidade: “quando eu preciso ele me ajuda na cozinha e eu ajudo ele na roça”. As definições da divisão do trabalho, das atribuições dos papéis, só ficaram mais claras quando todas contavam suas experiências: “eu pensei que lá em casa a gente se ajudava, mas eu percebi como as mulheres só ficam com as tarefas domésticas e, se a mulher não está em casa, o homem não faz por conta própria” (SOF, 2018, p. 64).

Outra etapa metodológica que a SOF (2018) apresenta em seu trabalho é o curso “Economia Feminista e Agroecologia”, realizado em Peruíbe em novembro de 2017, onde houve um momento para compartilhar as informações das CA’s com a metodologia chamada “gira-gira”, em que as mulheres ficam em círculo, uma de frente para a outra, e a mulher de dentro da roda responde para a companheira da frente as perguntas que são colocadas. “As perguntas foram: 1. Quais os aprendizados de anotar na caderneta agroecológica? 2. Quais as dificuldades? 3. Pergunta livre feita pelas mulheres que estão ouvindo” (SOF, 2018, p. 63).

A partir dessa dinâmica foi possível identificar as reflexões e percepções das agricultoras sobre si e suas realidades, e de como a CA desperta autoconhecimento e consciência, mexendo inclusive com a autoestima. Elas perceberam que produzem mais do que achavam que produziam, podendo visualizar sua produção e estimar o que poderiam vender sem faltar para o autoconsumo, também passaram a compreender melhor a

sazonalidade dos produtos e que economizam muito porque, ao consumir aquilo que plantam, deixam de gastar no mercado (SOF, 2018).

Algumas mulheres, ainda, destacaram que a caderneta serviu como documentação que permitiu obter a DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf – Programa Nacional da Agricultura Familiar. Além disso, relataram que após mostrar a CA para o marido, comprovaram que também contribuem com a renda e não somente “ajudam”. Uma delas contou que convenceu o marido a fazer melhorias em infraestrutura do agroecossistema, das quais precisava há tempos, porque ele percebeu que de fato gera renda, através das anotações da sua CA (SOF, 2018).

A SOF (2018) também demonstrou que a CA também tem servido como um ótimo instrumento de planejamento de produção, pois as anotações ajudam na produção de forma a garantir o autoconsumo e o fornecimento de alimentos para comercialização em diferentes mercados, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) ou em feiras livres, locais onde é preciso calcular quantidades e também o tempo que leva entre o plantio e a colheita, por exemplo.

Lacerda e Siqueira (2020), apresentam a experiência das agricultoras do Piemonte da Diamantina na Bahia com as Cadernetas Agroecológicas, através do Projeto Pró-Semiárido, destacando o fortalecimento da auto-organização das mulheres nas comunidades:

Foi possível perceber, em primeiro lugar, uma evidente diferença na participação das agricultoras no espaço composto apenas por mulheres, em comparação às reuniões mistas, durante as rodas de aprendizagem, em que participaram cerca de vinte em cada. Elas se sentiram mais à vontade para se colocar e, muitas vezes, desabafar os desafios que as questões de gênero as impõem, bem como para compartilhar propostas e traçar metas e sonhos (LACERDA E SIQUEIRA, 2020, p.4).

Segundo as autoras, ainda, foi comum as agricultoras compartilharem sobre a angústia da invisibilidade de seu trabalho pela própria família durante os rodas de conversa, sendo este também um ponto motivador para utilização das CA's, que se apresenta para elas como uma perspectiva de melhoria de vida a partir do reconhecimento de seus trabalhos. Algumas mulheres, inclusive, apresentaram perspectivas de utilizar suas anotações como comprovação de trabalho da solicitação da aposentadoria como agricultoras e não como “dona de casa”, como costumam ser denominadas (LACERDA E SIQUEIRA, 2020).

Moreno (2018) explica que as experiências políticas e econômicas impulsionadas pelas mulheres, ao reafirmar a sustentabilidade da vida, são construções cotidianas de auto-organização, de solidariedade e práticas de reciprocidade, onde a agroecologia e a economia solidária se constituem como estratégias para “transformar condições de vida, ampliar/conquistar a autonomia das mulheres sobre o corpo, a sexualidade e uma vida livre de violência racista e patriarcal. Transformar a economia e a organização do trabalho” (MORENO, 2018, p.219).

Para Moreno (2018), ainda, as ações de organização e formação feminista articulam diferentes dimensões da vida das mulheres, colocando questões para o diálogo, aprofundamento ou questionamentos importantes para o desenvolvimento da economia feminista na perspectiva de uma ruptura dentro e fora dos espaços acadêmicos. Indica a possibilidade de superar dicotomias e tensões entre estes espaços, desconstruindo as hierarquias entre os saberes e os sujeitos e legitimando o ‘pensar-falar-agir’ da economia feminista popular, rural e militante (MORENO, 2018).

O Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica, elaborado para aplicação nos projetos apoiados pelo Semear Internacional, apresenta uma proposta metodológica testada junto a um coletivo nacional de organizações de assessoria técnica, universidades, institutos de pesquisa e movimentos sociais, com destaque para aqueles que fazem parte do GT de Mulheres da ANA (CARDOSO et al., 2019).

Não se propõe uma receita de bolo, ou uma camisa de força, ou seja, pode-se reinventar e sugerir outros passos a partir de distintas vivências e realidade em o que projeto vai ser implementado. O mais importante é que se compreenda que esse processo envolve diversos sujeitos, com tempos e papéis distintos (...) Como um processo de construção coletiva do conhecimento, todas/os devem ter claros seus papéis, responsabilidades e contribuições para a construção dessa teia (CARDOSO et al., 2019, p. 13).

Nesse sentido, o Guia Metodológico das CA indica estratégias para que a metodologia alcance resultados ou uma compreensão mais próxima da realidade da produção e da contribuição econômica das mulheres, incluindo outros instrumentos de coletas de dados, como os questionários e mapas, além dos espaços de formação e discussão dos núcleos de mulheres agricultoras que se organizam em suas comunidades rurais (CARDOSO et al., 2019).

De acordo com Cardoso et al. (2019) é fundamental que a equipe de assessoria técnica assumam o desafio de “ampliar seu olhar sobre as práticas desenvolvidas, questionar as metodologias implementadas e fortalecer a perspectiva de gênero nas suas ações e nas reflexões institucionais” (CARDOSO et al., 2019, p. 13). Por isso podem ser realizadas oficinas, grupos de estudos, seminários, etc, a fim de sensibilizar e capacitar as equipes sobre o funcionamento das CA's em campo, desde a apresentação à aplicação das mesmas com as agricultoras, até a sistematização que é a coleta dos dados e resultados, realizada pelos/as técnicos/as que assessoram as famílias (CARDOSO et al., 2019).

O processo das CA's demonstra que além do conhecer e se apropriar da renda, antes invisível, as agricultoras se empoderaram sobre a ação do seu trabalho. Sua sistematização e ampliação, que está em curso, possibilita qualificar e quantificar informações na perspectiva de subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente às mulheres rurais, a exemplo da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), Crédito Rural, Mercados Institucionais, entre outros acessos e direitos (LOPES NETO et al., 2015b).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pesquisas apresentadas neste ensaio validam a metodologia das Cadernetas Agroecológicas como fortalecedora da discussão feminista no campo do conhecimento agroecológico. Através das anotações e relatos das mulheres agricultoras, obtidos em diferentes experiências no Brasil, é possível afirmar que CA tem colocado luz no protagonismo de seus trabalhos no agroecossistema, nas dimensões econômica, política e social, sob olhar da economia feminista. Contudo, ainda pouco visibilizam o saber e trabalho da mulher preta, quilombola e/ou indígena, deixando de trazer para o centro do debate a questão de raça e etnia, o qual é possível e deve ser feito nas análises de resultados dos dados das CA's, como por exemplo através dos questionários, mapas e planilhas de produção. As CA's, ainda, revelam a importância dos quintais produtivos, demonstrando seu valor ecológico para manutenção dos agroecossistemas, o que se deve às práticas das mulheres que estão voltadas para soberania e segurança alimentar da família. Por fim, as experiências com as CA's fortalecem as organizações sociais e produtivas dos grupos de mulheres, como também as ações de ATER e políticas públicas voltadas para a agricultura familiar e a agroecologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Eliane Aparecida de Almeida. **Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos: diálogo de saberes em defesa da vida**. 2018. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2018.

CARDOSO, Elisabeth Maria; SCHOTTZ, Vanessa. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, dez. 2009.

CARDOSO, Elisabeth Maria; JALIL, Laeticia; TELLES, Liliam; ALVARENGA, Camila; WEITZAMAN, Rodica. **Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica**. Recife: EDUFRPE, 2019.

LACERDA, Tamara Rangel de; SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de. As Cadernetas Agroecológicas como Metodologia de Protagonismo das Agricultoras: A Experiência do Pró-Semiárido no Piemonte da Diamantina/BA. **Cadernos de Agroecologia** – Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe -v. 15, no 2, 2020.

LOPES NETO, Antônio Augusto; FEITAL, Auxiliadora; LOPES, Isabel; ALMEIRA, A.; TELLES, Liliam. Caderneta Agroecológica empoderando mulheres, fortalecendo a Agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 12, n. 4, p. 43-47, dez. 2015a.

LOPES NETO, Antônio Augusto; LOPES, Isabel; CARDOSO, Elisabeth; FEITAL, Auxiliadora. Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3. 2015b.

MORENO, Renata Faleiros Camargo. Economia feminista em movimento: experiências e desafios teórico-políticos a partir das lutas das mulheres. **Temáticas**, Campinas, v. 26, p. 195-226, ago./dez. 2018.

OLIVEIRA, Rafael Monteiro de. **Quintais e uso dos solos em propriedades familiares**. 2015. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2015.

SOF, Sempreviva Organização Feminista. **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo: SOF, 2018.

TELLES, Liliam. **Desvelando a economia invisível das agricultoras agroecológicas: a experiência das mulheres de Barra do Turvo, SP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2018.